

ANÍSIO TEIXEIRA DAS TECNOLOGIAS DA SOCIEDADE INDUSTRIAL PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Ariane Abrunhosa – FE/UnB

Resumo

Este artigo traça um paralelo entre alguns fatos da vida do educador Anísio Teixeira e o surgimento de determinadas tecnologias da comunicação que integraram a sociedade industrial no Brasil de meados do século XX. Reúne, ainda, as considerações do educador sobre educação e cultura, feitas em um contexto de intensas transformações na sociedade dessa época. Em seguida, atualiza o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, na sociedade da informação, juntamente aos ensinamentos do educador sobre educação, cultura e tecnologias, na tentativa de buscar entendimentos que possam ajudar a diminuir a distância entre a cultura escolar e a vida em sociedade nos dias atuais.

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Educação. Cultura. Tecnologias.

ANÍSIO TEIXEIRA DAS TECNOLOGIAS DA SOCIEDADE INDUSTRIAL PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Introdução

O educador Anísio Teixeira não viveu o suficiente para ver o advento da internet e de todas as transformações sucedidas com a chegada da rede mundial aos vários cantos do planeta, mas vivenciou e refletiu sobre as mudanças ocasionadas pela industrialização e pelos consequentes desdobramentos tecnológicos. Sintonizado com os acontecimentos de sua época, escreveu intensamente sobre a importância de a escola preparar indivíduos para os desafios da sociedade em que se inserem. Propôs um modelo de educação que levasse em conta a teoria educacional associada ao saber prático, ou seja, ao exercício de mentes e mãos. Lutou por uma educação pública em todos os seus níveis e para todos e por uma escola integral e de qualidade. Em seu

pensamento, entendia que a educação é fundamental para consolidar uma sociedade democrática, na qual a escola é uma ferramenta que prepara para democracia.

Incansável na sua missão educacional, Anísio teve a capacidade de pensar para além de seu tempo, de defender o papel de uma educação conectada com a cultura e articulada com a transmissão dessa cultura para as novas gerações.

Retorna-se, neste artigo, à vida e aos ensinamentos do educador Anísio Teixeira, por considerar sua obra atual frente aos desafios que estão postos aos gestores educacionais e aos professores com relação ao ensino e à aprendizagem, em tempos de tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Para tanto, pretende-se recordar tecnologias com as quais o educador teve contato na metade do século passado e verificar se as ideias educacionais propostas por ele para as escolas brasileiras ainda podem ser aproveitadas nos dias de hoje, levando-se em consideração os devidos ajustes exigidos pelas transformações ocorridas nas últimas décadas, principalmente no campo das TICs. Assim sendo, almeja-se balizar as ideias desse mestre com as concepções criadas por estudiosos da chamada sociedade da informação, com a finalidade de se encontrarem pontos de aproximação entre Anísio e esses pensadores, a propósito de cultura e educação.

Algumas das tecnologias da comunicação presentes no século XX

Nascido no ano de 1900, na cidade de Caetité, no interior da Bahia, o menino Anísio foi tomando contato aos poucos com as inovações tecnológicas que iam chegando ao seu alcance. Para melhor compreender esse período, elencam-se algumas das tecnologias que integraram o tempo cronológico de Anísio Teixeira e que, de alguma forma, tiveram influência no modo de vida, daquela e desta época.

No Brasil do início do século XX, o telégrafo já era bastante utilizado. Em 1844, a invenção de Samuel Morse liga as cidades americanas de Baltimore e Washington. No Brasil, os esforços para implantar a telegrafia elétrica datam de 1851. Um ano depois, acontecem as primeiras transmissões entre a Quinta de São Cristóvão e o Quartel General do Campo da Aclamação. Apenas em 1857 consegue-se fazer a primeira ligação entre Petrópolis e a praia da Saúde, na cidade do Rio de Janeiro (SILVA, 2007, p.54). Porém, do Rio de Janeiro para o interior baiano, a velocidade com que as

novidades chegavam era lenta, como se pode inferir pelo texto do *site* da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira.

Em 1914, o jovem Anísio partiria de Caetité para Salvador, em companhia dos irmãos Jaime e Nelson, para ingressar no Colégio Antônio Vieira. Após uma longa viagem a cavalo, os três alcançaram a estrada de ferro. Segundo o depoimento de um de seus irmãos, a locomotiva impressionou-lhe vivamente: era a revelação do poder da tecnologia! (Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/visita.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2015).

O jovem Anísio teve também a oportunidade de completar seus estudos no Rio de Janeiro, capital do país, na época. Lá, o telefone desenvolvido pelo italiano Antonio Meucci e popularizado pelo americano Alexander Graham Bell chegou precocemente. Em 1876, o aparelho fora apresentado ao Imperador Dom Pedro II pelo próprio Bell, na Exposição Universal da Filadélfia. No ano seguinte, o Imperador ordena a instalação de uma linha de telefone ligando o Palácio da Quinta da Boa Vista com a casa dos seus ministros de Estado. Dessa maneira, o Rio de Janeiro torna-se a primeira cidade do mundo fora dos Estados Unidos a dispor de linha telefônica. Portanto, quando o jovem Anísio Teixeira diplomou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1922, o telefone há muito tempo era uma realidade para a elite econômica e cultural da época. Ainda no mesmo ano, começaram as transmissões radiofônicas para a sociedade carioca. De volta à Bahia, em 1924, o homem público Anísio Teixeira promove a primeira tentativa de reforma educacional ao assumir o cargo de Inspetor-Geral de Ensino de seu estado.

Contudo, a expansão da telefonia no restante do Brasil foi lenta e chegou ao século XX sem que muitas cidades brasileiras tivessem um serviço telefônico. Segundo informações divulgadas no *site* do Ministério das Comunicações¹, em 1962, o país contava com pouco mais de 1 milhão de linhas para uma população com mais de 70 milhões de habitantes.

A criação do rádio demandou muitas pesquisas e muitos foram os cientistas que contribuíram, de alguma forma, para se chegar ao que se entende como sendo rádio, na atualidade, entre eles, o padre brasileiro Landell de Moura (1861-1928). No entanto, o pesquisador que ficou conhecido como inventor do aparelho foi o italiano Guglielmo Marconi, que realizou a transmissão sem fios de uma distância de 400 m e,

¹ Para mais detalhes consultar o *site*: <<http://www.mc.gov.br/component/content/article/44-historia-das-comunicacoes/22463-historia-da-telefonias>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

posteriormente, a uma distância de 2 km, em 1895. No Brasil, o rádio chega efetivamente para as comemorações dos 100 anos de Independência, em 1922, quando ocorre a primeira transmissão na Sociedade do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, foram adquiridos 80 aparelhos de recepção. No ano seguinte, foi fundada a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje conhecida como Rádio MEC. A partir de então, o rádio vai se popularizar rapidamente pelas cidades brasileiras, entrando nas residências com notícias, radionovelas e canções das famosas vozes do rádio, que irradiavam seu sucesso para locais distantes dos grandes centros urbanos que surgiam nesse período.

Segundo o Relatório do Ministério da Educação dos Quinquênios: 1956-1960², o serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) foi criado em 1937 e tem seu regimento aprovado pelo Decreto n. 11.941, de 4 de fevereiro de 1943, com a finalidade de irradiar permanentemente, programas científicos, literários e artísticos, de caráter educativo.

O rádio marcou a cena política e cultural do Brasil a partir dos anos 1930. Somente com a consolidação da televisão, sua importância passa a ser menos significativa. Foi nesse período que o educador ocupou um dos cargos mais respeitáveis no cenário nacional, a Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935), quando desenvolveu um ambicioso plano de construções escolares e edificou 26 novos prédios. Em 1932, torna-se signatário do importante *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* ou *Escola Nova*, que divulgava à população e ao governo as principais diretrizes de um programa de reconstrução educacional. O Manifesto é assinado por um grupo de 26 notáveis intelectuais e defendia a universalização da escola pública, laica e gratuita. Outra obra importante do educador Teixeira, nesse período, foi a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, com o objetivo de promover a pesquisa científica, literária e artística. Desejava-se formar profissionais liberais, quadros para o Estado e professores para as escolas públicas.

Na Era do Rádio, o Brasil viveu também a Ditadura Vargas (1937 a 1945), período difícil para um defensor ferrenho da democracia como Anísio Teixeira, que acabaria sendo perseguido e tendo que se retirar da cena pública, exilando-se no interior da Bahia, quando se viu obrigado a dedicar-se a outras atividades profissionais.

² Relatório do Ministério da Educação dos Quinquênios: 1956-1960², p .241. – Documento pesquisado no acervo do Projeto Museu da Educação do Distrito Federal/UnB-SE.

O rádio, talvez, tenha sido um dos meios que mais tenha chamado a atenção do educador, ao ponto de sinalizar para a possibilidade de sua utilização em escolas da zona rural.

A realidade é que estamos a cultivar padrões escolares primários perfeitamente superados para os tempos em que estamos vivendo. Seja na zona rural, onde se deveria tentar, menos talvez que a escola tradicional de crianças, algo como um centro de educação de adultos, sob a direção de um modesto líder social e servido pelo rádio, seja na zona urbana – a escola tem de ser, hoje, não pode deixar de ser, **alguma coisa mais que uma casa de ler, escrever e contar**. O nosso conhecimento do processo de aprendizagem e conhecimento da marcha do processo social de modernização, que está em curso em todo mundo, leva-nos a compreender que a escola tem de acompanhar o nível de desenvolvimento da sociedade a que serve, constituindo-se centro de reintegração cultural – o centro de integração das mudanças de qualquer modo em curso, em todos os setores da vida do país (TEIXEIRA, 1969, p. 67, grifo nosso).

No campo da imagem, a fotografia – desenvolvida na França com as pesquisas de Joseph Niépce, em 1826, e aprimorada pela parceria com outro francês, Louis Jacques Mandé Daguerre – foi importante para várias áreas do conhecimento. O Brasil foi pioneiro no desenvolvimento da fotografia e teve entre seus apoiadores o Imperador Dom Pedro II, grande aficcionado da nova arte, mas a popularização da fotografia no Rio de Janeiro e em São Paulo aconteceu somente no século XX, durante os anos 1930 e 1940, quando surgem os Fotoclubes e a fotografia tem seu auge com uma animada produção e o desenvolvimento de técnicas pelos seus associados.

Na proposta educacional de Anísio para as Escolas Secundárias de Brasília, estava presente a ideia de Clubes de Aprendizagem, onde os estudantes poderiam escolher frequentar em período alternado das disciplinas tradicionais os clubes de cinema e de línguas estrangeiras, entre outras modalidades artísticas e culturais.

Outra invenção transformadora de hábitos e ideias também surgiu na França, em 1895, com a criação dos irmãos Louís e Auguste Lumière, o cinema. No Brasil, um ano mais tarde acontecia a primeira projeção cinematográfica realizada em uma sala do *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro. Aos poucos, foram surgindo salas de cinema e uma tímida produção que vai se firmando no cenário nacional. A partir dos anos 1930, o cinema nacional encontra o desafio de sonorizar os filmes produzidos no país, fato que não foi nada fácil, devido à precariedade das condições de produção da época. Com isso, o cinema nacional perde espaço para o cinema norte-americano. Avanços e retrocessos continuaram ocorrendo até nossos dias e o cinema nacional resistindo e lançando novos títulos.

O Plano Educacional de Brasília, concebido pelo educador Anísio, previa para a educação fundamental oficinas de artes e de artes industriais. No início da década de 1960, o cinema era umas das modalidades artísticas oferecidas pela Escola Parque 308 Sul, da época³.

Ainda nos anos 1950, quando Anísio Teixeira colocava em prática seu projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, conhecido popularmente como Escola Parque, em Salvador, na Bahia, a televisão chegava ao Brasil pelas mãos do empresário Assis Chateaubriand, fundador dos *Diários Associados*, um dos maiores conglomerado de mídia no Brasil. A primeira transmissão aberta aconteceu na noite do dia 18 de setembro de 1950, em grande estilo. Para tal ocasião, foram importados 200 aparelhos de TV e espalhados em pontos estratégicos da cidade de São Paulo, com a finalidade de receber as imagens, transmitidas da inauguração da TV Tupi⁴.

A televisão, como outros meios de comunicação, foi sendo desenvolvida aos poucos e por vários pesquisadores, que trabalharam muito e conquistaram resultados a partir dos anos 1920, do século passado. As primeiras transmissões abertas começam na Alemanha, em 1935. Em seguida, outros países europeus iniciaram o fazer televisivo. Essa nova mídia passa rapidamente a ocupar lugar de destaque entre os meios de comunicação no mundo todo. No Brasil, isso não foi diferente. Em alguns anos, surgiram outras emissoras de televisão e muitas das atrações do rádio passam a ser exibidas nos aparelhos de TVs, em números sempre crescentes nas casas das famílias brasileiras. A nova telinha lança moda, influência comportamentos, posturas políticas e culturais. Nos Estados Unidos, ocorre o desenvolvimento da TV em cores, que chegará ao Brasil em 1962, mas sua popularização por aqui só vem ocorrer a partir da Copa do Mundo de 1970. De lá para cá, a televisão não parou mais de se reinventar, passou do sistema analógico para o digital, ampliou a quantidade de canais e a convergência com outros meio de comunicação.

Considera-se que essas foram algumas das principais mídias que acompanharam a vida do educador. Vale ressaltar que as novidades tecnológicas, por vezes, não

³ Relatório da Escola Parque 308 Sul (1960-1972). Brasília, DF. Documento do Acervo Projeto do Museu da Educação do DF.

⁴ Fonte: disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o_no_Brasil>. Acesso 18 jan. 2015.

chegavam rapidamente, custavam a se difundir para cidades fora do eixo Rio-São Paulo e principalmente demoravam a ter um preço acessível para a maioria da população consumidora da época. Nos países considerados desenvolvidos, o ritmo das transformações era diferente e Anísio Teixeira teve o privilégio de ainda jovem presenciar essas alterações nos Estados Unidos e na Europa. Especialmente nos Estados Unidos, esteve a trabalho (1927) e fez pós-graduação na Columbia University, em Nova York (1928-1929), quando presenciou as mudanças ocasionadas pelo surgimento dos grandes parques industriais, a exemplo da indústria automobilística. Também vivenciou o nascimento de novas mídias, que criaram os produtos lançados em série, gerando a chamada indústria cultural. Na década de 1960, estava atento aos estudos do importante educador e teórico da comunicação, o canadense Marshall McLuhan⁵, autor do conceito de Aldeia Global, que sintetizava a noção de um mundo interconectado e cada vez mais unificado culturalmente. McLuhan vislumbrou as consequências do uso das tecnologias, considerando-as como sistemas de extensão dos sentidos e das faculdades humanas. Foi também responsável pela máxima de que “o meio é a mensagem”, ou seja, a compreensão de que um meio em si, por suas características, afeta culturalmente uma sociedade, independentemente dos conteúdos transmitidos. Anísio ressalta em suas últimas palestras a importância de levar em consideração o pensamento de McLuhan sobre as possíveis transformações culturais advindas dos novos meios.

Foram muitas as idas e vindas entre a América do Norte e o Brasil ao longo da sua vida profissional e que, com certeza, atualizavam o pensamento do educador brasileiro com as novidades do mundo capitalista e com as ideias do educador americano John Dewey, de quem foi discípulo e tradutor, mas o professor baiano soube entender as diferenças econômicas e culturais do seu país e pensou a educação brasileira sintonizada com os novos acontecimentos do mundo, mas adequados à realidade nacional.

Dos princípios do século XIX em diante, com efeito, uma nova revolução, a tecnológica, decorrente da aplicação cada vez mais crescente dos resultados da ciência à produção e à vida social, veio acrescentar às outras duas revoluções, a política-democrática e a industrial, para acelerar ainda

⁵Fonte: disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan>. Acesso em: 18 jan. 2015.

mais o processo de mudança social. Estes últimos cento e cinquenta anos corresponderam, assim, a um período de profundas transformações, em que a transmissão da cultura se viu altamente perturbada e em grande parte impedida, não somente por se achar a própria cultura em mudança cada vez mais rápida e assim se tornar extremamente difícil a sua transmissão, como também por haverem as próprias instituições transmissoras da cultura, a família, a classe e a religião, entrado elas próprias em mudanças e até em desagregação, deixando de cumprir ou não podendo mais cumprir a sua função normal de órgãos da continuidade e estabilidade social (TEIXEIRA, 1969, p.132).

Para Anísio Teixeira, educação e sociedade precisam estar associadas, vinculadas de tal forma que era necessário não apenas preparar para a vida, mas a escola precisava espelhar essa sociedade. Advogava sobre a importância da pesquisa científica para o desenvolvimento educacional. Assim, quando em 1952 foi nomeado diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), hoje denominado de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, afirma que a revolução tecnológica que estão se iniciava – trazendo consigo uma série de consequências práticas no modo de viver, na divisão social do trabalho, no surgimento da produção em massa e na crescente urbanização – reclamava um sistema universal de educação até aquela época inexistente (apud PEREIRA, 2011, p.31).

As novas mídias, a educação e a cultura

Atualmente, vivemos um momento semelhante ao apontado por Anísio Teixeira há mais de meio século. A sociedade brasileira defronta-se mais uma vez com a ineficiência de suas escolas para responder aos desafios da sociedade contemporânea; a escola que está desatualizada com seu tempo e sofre todo tipo de mazelas estruturais, além da falta de professores e da pouca qualificação de muitos desses mestres para acompanhar as transformações constantes do mundo digital. Persiste a necessidade da universalização das oportunidades, mas agora o desafio não mais está em colocar o aluno na escola, mas em mantê-lo, presente e interessado, ao mesmo tempo em que as escolas precisam se atualizar, tanto em tecnologias, quanto em avanços didáticos e pedagógicos. Novamente, precisa-se de uma escola que responda aos anseios sociais de formação e, ao mesmo tempo, seja atraente para aqueles que a frequentam. Trata-se de um duplo desafio: como ao mesmo tempo educar para sociedade da informação e para

as potencialidades oferecidas pela própria sociedade da informação, nesse aspecto, sempre às voltas com incessantes transformações.

No entanto é necessário dimensionar o que, de fato, mudou em matéria das soluções propostas por Anísio Teixeira para a educação brasileira. Continuam válidas as suas proposições, a despeito das inovações tecnológicas? Ou, visto de outra maneira, se Anísio Teixeira considerava a tecnologia tão preponderante, ela, de fato, foi aproveitada em seus potenciais, entre eles, o de facilitar a difusão mais ampla de oportunidades e conteúdos? O cenário tecnológico, em matéria de avanços técnicos está absurdamente à frente das condições que se apresentavam a Anísio Teixeira, que vivenciou os poderes do rádio, do cinema e da TV, mas não conheceu nem mesmo uma internet discada. Não viu, na realidade, o quanto o mundo se transformou, de fato, na “aldeia global” antevista por McLuhan, no sentido de interconexão em tempo real, tanto em termos de infraestrutura física, quando em termos de simultaneidade na circulação das informações.

É inquietante procurar saber se, de fato, houve, no plano da educação, progressos condizentes, tanto em relação ao pensamento de Anísio Teixeira, que era avançado, quanto em relação à envergadura dos recursos tecnológicos simplesmente impensáveis quando do tempo em que Anísio viveu. Ou, em outros termos, o que mudou nos últimos 60 anos? Com certeza muita coisa mudou, mas principalmente, as transformações ocasionadas com o surgimento da internet e a criação das novas mídias, que fizeram uma revolução nas formas de comunicação, no acesso à informação e ao conhecimento. Esse processo, no Brasil, ganhou força a partir da década de 1990 e não parou mais.

Segundo a reportagem do jornal *Correio Braziliense*, de 11 de janeiro de 2015, que apresentava alguns dados da União Internacional de Comunicação (agência da Organização das Nações Unidas – ONU, especializada em tecnologias de informação e comunicação), o Brasil em breve será o quarto país do mundo com maior número de acesso à rede mundial de computadores, superando o Japão. São 135,3 de telefones móveis por 100 habitantes, ou seja, temos mais de um aparelho celular por pessoa; 48,8% dos lares têm computadores e 42,4% das residências têm acesso à internet. Outro dado importante é que 50% das escolas brasileiras estão conectadas de alguma forma à rede mundial.

Rumamos, atualmente, da sociedade da informação para a chamada sociedade conectada, como vem sendo definida as sociedades em que todos estão conectados na internet. Nessa nova sociedade, algumas tecnologias como o telégrafo não são conhecidas pela maioria dos jovens, apesar de continuar existindo. Já o telefone nunca foi tão utilizado. O telefone fixo continua atuante nas comunicações, contudo os aparelhos que fazem sucesso são os telefones móveis, em que falar é pouco para esses dispositivos que congregam internet, como possibilidade de acessar *sites*, vídeos, música e conectar-se às redes sociais. Com capacidade de fotografar e filmar dispõe também de: agenda, calculadora, relógio e outros utensílios que teoricamente podem facilitar a vida dos usuários.

Esses celulares são um dos exemplos bem acabados do que os teóricos da comunicação estão chamando de convergência tecnológica e midiática, ou seja, em um mesmo aparelho, o usuário possui diferentes meios, interconectados, podendo passar e acessar conteúdos de uma mídia para outra, mas o conceito é ainda mais abrangente, segundo Jenkins:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformação tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais dependendo de quem está falando e do que imagina estar falando (2009, p. 29). Mídias tradicionais e novíssimas tecnologias de comunicação dialogam constantemente a serviço do consumidor e do cidadão. Assim, vem sendo com o rádio, a internet está no rádio, o rádio está na rede e o aparelho pode estar disponível nos automóveis, nos celulares e nos canais de TV por cabo ou via satélite. Já os cantores do rádio passaram a cantar na televisão, mas o rádio persiste como o meio de maior alcance, em se tratando de regiões remotas, especialmente em países com dimensões e diversidades, como o Brasil.

A fotografia agora é digital e pode se fotografar com telefones, *tablets* e com outros aparelhos que permitam acoplar-se a uma câmera, que, geralmente, também filma. Nunca se fotografou tanto e as imagens estão espalhadas em todos os cantos, dos espaços e do *ciberespaço*. Até dos satélites se fotografa, com muita precisão, foco e profusão.

O cinema continua tendo a magia de sempre, mas agora são comuns os filmes em 3D e uma quantidade de efeitos especiais inimagináveis para Charles Chaplin que,

com certeza, se acharia em outro planeta, e seu filme *Tempos modernos* seria o registro de outra civilização. A sétima arte passou a estar disponível nas telas das residências e chega pelos canais de TV por cabo, DVDs e via internet. A televisão não é mais somente “a televisão” e transforma-se constantemente. Na atualidade, perde-se a conta de quantos canais televisivos pode-se acessar com um provedor de TV a cabo, além de rádios e uma infinidade de vídeos e de músicas selecionadas por estilo, época etc. Pode-se também acessar pela internet os conteúdos veiculados pela TV e vice-versa. A produção audiovisual independente só aumenta: com um celular nas mãos e uma ideia na cabeça, produzem-se conteúdos de vários gêneros, incluindo reportagens. Toda essa gama de tecnologias revolucionou o modo de vida no planeta azul, também gerou crises em alguns setores que não acompanharam as demandas por transformações como ocorreu na área educacional.

Para entendermos melhor a cultura desse tempo presente, é importante lembrar as definições do pensador Pierre Lévy:

O “ciberespaço” (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quando ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (1999, p. 17).

Esse momento de mudanças velozes e que ocasionam uma avalanche de informações exige esforços dos educadores de todos os níveis do sistema educacional, para enfrentar a crise da ausência de reflexão, de novos projetos e de novas práticas que ajudem a adequar as escolas e as suas propostas educativas a essa nova realidade cultural. Nesse novo cenário, crianças e jovens afeitos ao mundo tecnológico dominam as formas de acessar as tecnologias desde tenra idade; interagem nas redes sociais, possuem acesso a uma gama ilimitada de produtos digitais, jogos eletrônicos, enciclopédias, dicionários e *sites* que disponibilizam conteúdos de todos os gêneros. Já os professores nem sempre têm facilidades para lidar com desenvoltura nesse novo universo da comunicação e informação; em geral, não oferecem o uso dessas tecnologias como material didático na rotina escolar; não têm, portanto, facilidades para estar à frente dos jovens na produção de conteúdos e conhecimentos, nesses e para esses

novos ambientes. As escolas, na sua grande maioria, não dispõem de espaços preparados para que essas novas formas de aprender, de interagir e de criar sejam desenvolvidas com naturalidade como ocorre em outros ambientes fora da escola.

A juventude vive conectada pelos celulares e parece transitar em um mundo à parte da realidade escolar. Haveria, portanto, duas culturas, de um lado, a escola e os professores; de outro, os estudantes e os seus celulares, interligados por um diálogo difícil entre essas duas esferas. O mundo educacional funciona ainda como se estivesse inserido na cultura eletrônica de massa, em que um meio transmite sua mensagem para muitos espectadores. Esses mestres costumam valer-se da tecnologia do vídeo em sala de aula para complementar os ensinamentos dos livros didáticos, mas poucos interesses despertam nas novas gerações, que parecem desprezar a linguagem linear na apresentação de conteúdos.

Nesse contexto escolar é comum se verificar a angústia dos professores por não saber como mergulhar nessa nova cultura da informação, de forma produtiva em termos educacionais, contrariamente, a fala “tô nem aí”, dos estudantes, com relação ao desempenho escolar e à própria escola, revelando o descaso estudantil que parece indicar a pouca utilidade no que é ensinado. O resultado tem sido o pior possível: altos índices de abandono e de repetência, além das baixíssimas notas nas avaliações de desempenho propostas pelo governo e pelas entidades internacionais. O Ensino Médio, antigo secundário, parece ser o mais abalado pelos resultados negativos, como demonstrou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad)⁶, de 2011: a diminuição de alunos entre 15 anos e 17 anos de idade na escola, desde 2009, de 85,2% para 83,7%. Isso significa que menos estudantes estão completando o Ensino Médio.

A crise de outrora e o descompasso educacional da atualidade

Na crise de outrora, era possível verificar a influência que as novas mídias exerciam nos jovens e muito lucidamente o educador vai alertar para a necessidade de se estudar os meios com finalidade de aplicação educacional:

Acrescente-se que já não recebemos o aluno como uma página em branco que pedagogos antigos imaginavam, mas como um ser humano vitalizado e alerta, com uma massa informe de experiência em sua cabeça, que não

⁶ Educação ainda preocupa. *Correio Braziliense*, 22 set. 2012.

recebeu tanto da família e da vizinhança mais ou menos eclipsada, mas de seus pares, do transístor, do rádio e da televisão. (Caminha-se para tornar o estudo crítico desses meios de comunicação um dos pontos fundamentais da educação escolar.) Esse novo aluno, vivo e ativo pela sua participação fora da escola na difusão oral e visual da cultura-ambiente, é um desafio ao mestre, que lhe parece distante e estranho (TEIXEIRA, 1969, p. 384).

Daí, sua constante preocupação em construir uma *escola nova* ou uma *escola progressiva* como costumava chamar e que estivesse em diálogo com as inovações nas formas de produção, nas ciências, na arte e na cultura e que preparasse o homem para a vida em uma sociedade democrática. Propôs uma visão mais ampla do processo educacional, oxalá com um entendimento de um mundo que caminhava para uma interconexão planetária em tempo real, na área da informação e do conhecimento. Nessa perspectiva, Anísio Teixeira idealizou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, conhecido como Escola Parque, em Salvador e, posteriormente, no final da década de 1950, o Plano Educacional de Brasília. O documento que traçava as linhas gerais para as edificações dos espaços educacionais: o Plano de Construções Escolares de Brasília⁷ delineava um sistema educacional que não seria meramente intelectual, mas de atividade e de trabalho, com uma educação iniciando no jardim de infância e extensiva até o ensino superior. Pretendia-se irradiar para o restante do país um modelo educação integral em consonância com o Brasil desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubistchek, além de ser um esforço para sintonizar a escola com a sociedade da época. No documento, não há nenhum ponto específico sobre o uso de tecnologias, mas fica claro que essa proposta inovadora pretendia estar em diálogo com a sociedade, pois nela os estudantes são também agentes produtores de cultura quando aprendem e criam alguns produtos, nas oficinas de artes industriais e desenvolvem vários tipos de linguagens artísticas e corporais, utilizando inclusive tecnologias da época, tais como: o cinema, a fotografia, entre outras.

Anísio justificava que a sociedade industrializada exigia escolaridade para que o cidadão pudesse exercer suas atribuições e compreender o mundo. Entretanto primava pela singularidade de cada estudante.

A regra de ouro é ensinar pouco e bem, pois se for bem, o pouco permitirá que depois, o aluno se auto-eduque. **A particularidade do homem é ser autodidata.** Os animais podem ser “ensinados”, ou melhor “adestrados”, o

⁷ Plano de Construções Escolares de Brasília, Anísio Teixeira. *Revista de Estudos Pedagógicos*, v. 35, n. 81, p. 196-199, jan./mar. 1961.

homem não é “ensinado, mas aprende por si. E a finalidade da escola é torná-lo capaz de fazê-lo (sic) ampla e abundantemente, poupando-lhe desperdícios de descaminhos evitáveis (TEIXEIRA, 1969, p. 150, grifo nosso).

Já a desejável nova escola “conectada” precisaria flexibilizar seus currículos, para ser possível ao estudante ir traçando percursos de descoberta do conhecimento, impulsionados pelo seu desejo de saber mais, desejo este necessário para o empenho, a disciplina e a rotina educacional, em que seja admissível incluir a possibilidade de uma Educação a Distância (EAD) para conteúdos de mais fácil adaptação às plataformas de aprendizagem. Plataformas estas que precisam, igualmente, ser flexíveis e levar em conta as particularidades de cada integrante, proporcionando um ambiente com diferentes caminhos de aprendizagem.

A aprendizagem colaborativa, nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) ou mesmo nas redes sociais é uma das práticas crescentes, tamanha é a facilidade que internautas acessam conteúdos, auxiliam-se mutuamente, compartilham informações e conhecimentos e geram novos conhecimentos.

Certamente, essas alterações ocasionadas a partir do uso das tecnologias intelectuais na sociedade requerem novas metodologias educacionais, com base em planejamento e experiências que abarquem professores, estudantes e centros de estudos e pesquisas. No entanto deve-se ter conhecimento que, em educação, o ato da aprendizagem é algo muito complexo e pode-se dizer subjetivo. Anísio Teixeira tinha plena consciência das especificidades que representava fazer pesquisas em educação, pois sempre alicerçou seu trabalho na pesquisa e, no texto *Ciência a Arte de Educar*, 1957, explicava:

A ciência, assim, como já afirmamos, não oferece senão um dado básico e jamais a regra final de operação. Esta há de ser descoberta no complexo da situação de prática-educativa, em que se encontrem professor e aluno, levando-se em todos os conhecimentos científicos existentes, mas, agindo-se autonomamente à luz dos resultados *educativos* propriamente ditos, isto é, de formação e progresso humano do indivíduo, a que visam tanto aqueles conhecimentos quanto estes resultados (ROCHA, 1992, p. 263).

Assim sendo, nesse universo de inovações, é fundamental estimular no estudante sua capacidade de produção de conteúdos, ou seja, uma produção formatada a partir das novas tecnologias e para essas novas mídias, fazendo-os sujeitos ativos nesse mar de informação. Uma produção que pode ser direcionada ao campo artístico, de experimentação, documental ou como forma de aprendizagem para o mundo do

trabalho, mas que os faça participantes ativos dessa *cibercultura* e não meros consumidores.

Considerações finais

A nova cultura constituiu-se a partir do surgimento da internet, ocasionando o aumento gigantesco de informação e conhecimento. No entanto não ocorreram as trocas e as assimilações necessárias para que tivéssemos uma escola em sintonia com a sociedade, como bem elucidava o grande educador Teixeira, a respeito da importância do vínculo – educação e cultura para o desenvolvimento humano e para a manutenção de uma sociedade democrática. O fato é que não se conseguiu assimilar as tecnologias da indústria cultural, caracterizada pelo paradigma de “um meio falar para muitos”, talvez, pela morosidade com que se levou para disseminar esses meios através de um país de dimensões continentais, pelo atraso tecnológico brasileiro, pela dificuldade de as instituições educacionais adquirirem esses equipamentos devido ao seu alto custo, pela falta de acesso a cursos de formação para os professores, pela insegurança dos gestores em relação ao novo. A consequência é que nem tínhamos compreendido as possibilidades dos meios da sociedade industrial e fomos atropelados pelas tecnologias da informação que se impuseram, alterando comportamentos, outras tecnologias e forçando mudanças em todos os âmbitos da sociedade.

Anísio Teixeira não viveu o auge da chamada “cultura de massa”, característica da indústria cultural, mas soube como ninguém refletir e apontar caminhos para construção de uma nova escola inserida socialmente e em consonância com seu tempo. Nesse sentido, suas ideias continuam atuais, pois ainda não se conquistou o patamar educacional sonhado por ele.

Uma das maiores lutas de Anísio Teixeira, ao longo de sua vida de pensador, homem público e gestor educacional, foi a defesa de uma escola pública de qualidade para todos. Sabedor da importância dessas mídias para ampliar o acesso à educação vislumbrou essa possibilidade acontecer apoiada pelo rádio, o meio de comunicação de que Teixeira mais esteve próximo e vivenciou seu funcionamento. Portanto, não por acaso entendeu rapidamente seu poder de comunicação e alcance para levar educação a locais longínquos. Hoje, com certeza entenderia da mesma forma os novos meios e enxergaria as potencialidades de poder proporcionar uma educação mais direcionada a

cada indivíduo, e não mais de um meio para muitos indivíduos – comunicação de massa, mas de muitos para muitos, como ocorre nas redes sociais.

Sabia ele também a capacidade de os meios alterarem a nossa capacidade cognitiva, a imaginação, a memória e tantas outras funções do nosso corpo. Sabia que, com ajuda dos novos meios, era possível uma revolução cognitiva e educacional. A revolução do conhecimento está acontecendo, mas a revolução educacional não chegou ocorrer no passado e não acontece no presente, daí a importância de se voltar para os ensinamentos desse mestre e tentar sintonizar a escola com a cultura em que está inserida. É necessário ser ágil, porque a velocidade de transformação aumentou e ocorre-se o risco de, mais uma vez, sermos atropelados pela chegada de novas tecnologias e, conseqüentemente, de uma nova cultura. Não é por acaso que os teóricos da informação estão chamando o futuro próximo de sociedade conectada. Agora, conectada não somente pela internet tradicional, mas por uma série de outras ferramentas que estão chegando ao mercado e pode deixar qualquer cidadão *online* o tempo todo e por diversos equipamentos e acessórios.

Uma sociedade democrática se faz com educação, tão bem ensinou Anísio, portanto, é passada da hora de trazer a escola para junto dos acontecimentos, colocá-la não no centro do processo, como faríamos no século passado, mas como um ponto de interconexão dessa *cibercultura*, sujeita a todos os fluxos e influxos de informação e com capacidade de atualização constante.

Assim, garantir-se-ia não apenas a escola sintonizada com a cultura, mas sendo parte da construção dessa cultural ou, lembrando o sábio Anísio, “*A escola deve ser um espaço onde se vive, e não onde se prepara para a vida*”.

Referências

DEWEY, John *Democracia e Educação: breve tratado de filosofia de educação*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, Pierre – *Cibercultura*, São Paulo: Ed.34 – 1999.

PEREIRA, Eva Waisros et al. *Nas Asa de Brasília: memória de uma utopia educativa (1956-1960)*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2011.

ROCHA, João Augusto de Lima, et al, *Anísio em Movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil*. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992.

SILVA, Mauro Costa da e MOREIRA, Ildeu de Castro - A introdução da telegrafia elétrica no Brasil (1852-1870)- *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-62, jan | jul 2007 www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=21 - acessada em 11.01.2015.

TEIXEIRA, Anísio, *Educação no Brasil*, São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____*Cultura e Tecnologias*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971.

_____ - *Discurso pronunciado durante a 6ª. Sessão plenária da Escola Parque*. In: III CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Salvador, Bahia, Abril de 1967. Acervo do Projeto Museu da Educação do Distrito Federal.

_____ Plano de Construções Escolares de Brasília: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v.35, n.81, p.195 -199, jan/mar, 1961.

- BRASIL, Secretaria de Educação do Distrito Federal - *Relatório da Escola Parque 308 Sul – Período: 1960 -1972*. Brasília, Acervo do Projeto Museu da Educação do Distrito Federal.

_____ Ministério da Educação e Cultura – *Relatório Quinquenal (1956-1960)*- Brasília, 1960, Acervo do Projeto Museu da Educação do Distrito Federal.

Sites consultados:

<[http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0WzM/Primeiro Telefone Do Brasi](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0WzM/Primeiro_Telefone_Do_Brasi)
l>Acesso 18.jan.2015

<<http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/articulacao-de-politicas-da-area-das-comunicacoes/inclusao-digital-para-juventude-rural/44-historia-das-comunicacoes/22463-historia-da-telefonia>> acesso em 18.jan.2015.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall McLuhan](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan)> - acesso em 18.jan.2015.

<<http://www.mc.gov.br/component/content/article/44-historia-das-comunicacoes/22463-historia-da-telefonia>>20. jan.2015